

GRIFO

Nº 67
MAIO
2026

O JORNAL QUE RI

Alexandre Cruz

ESCRavidÃO

6x1

Bolsonarismo, bola e balão

ALEXANDRE CRUZ

PÁG. 4

Notas e contos

ERNANI SSÓ

PÁG. 15

Ahora es el drama

CARLOS WINCKLER

PÁG. 18



A arte de perguntar

“Senador, por que o filme sobre o seu pai foi bancado pelo Vorcaro?”. Uma pergunta boa pode sacudir o mundo, com menos esforço físico que a alavanca de Arquimedes. Foi o que o repórter do *Intercept Brasil*, Thalys Alcântara, fez dia 13 de maio e gerou uma crise na candidatura presidencial de Flávio Bolsonaro, o senador questionado. As reações chegaram à Casa Branca.

Lá estava Trump, enredado na invasão do Irã e no Estreito de Ormuz, quando viu chegar uma trupe vagamente conhecida e lembrou-se da América Latina. Aqueles caras bem que poderiam ser seus faxineiros naquele pátio político. Ouviu a conversa, posou para fotos e dias depois anunciou novas tarifas.

Ele deve ter ficado sabendo que *parças* ideológicos de “TariFlavio” estavam ameaçando largar o osso, que havia um filme chamado *Dark Horse* sobre o ex-presidente Jair e seria financiado por um banqueiro preso por lavagem de dinheiro, organização criminosa e corrupção. Mas isso não era seu problema. O que ele precisava era retomar a agenda de estar à frente do noticiário como homem “dinâmico”, palavra que adora, e colocar o enredo iraniano em segundo plano.

Não sei se Thalys é um militante partidário – e isso não altera em nada o seu trabalho – mas certamente é um jornalista profissional. Tudo isso me lembrou da imprensa independente do final do século passado. Talvez por causa da morte de Raimundo Pereira no dia 2 de maio. No inverno de 1975, ele andou em Porto Alegre para falar sobre o Movimento, o semanário sobre política, cultura e assuntos gerais que estava lançando em modelo cooperativo inspirado no *Le Monde*. A gente conhecia Raimundo do *Opinião*, outro semanário político lançado dois anos antes, e, antes disso, ele trabalhou na *Veja* e *Realidade*, publicações da imprensa com muitos recursos, também chamada “grande imprensa”, mas limitada pela censura oficial e interesses privados.

Naqueles anos, surgiram vários desses jornais no Brasil: *Ex*, *CooJournal*, *Versus*, *Lampião da Esquina*, *Nós Mulheres*. A lista é maior, não lembro de todos. Alguns duraram meses. Com o fim da censura, a grande imprensa entrou noutra fase e a imprensa independente, que já tinha sido sufocada pela ditadura e ameaças paramilitares, caiu.

Retorna no século 21 nas publicações on-line. *Brasil de Fato*, *Brasil 247*, *ICL Notícias*, *Intercept Brasil*, o *GGN* do Nassif, *Matinal*, *O Sol* são algumas das publicações independentes que estão fazendo o jornalismo que a grande imprensa, agora autônoma mídia deixou de lado.

Acho que o Daniel Herz, falecido em 30 de maio de 2006, um jornalista profissional e militante da democratização dos meios de comunicação, iria gostar de ver. **(Marco Schuster)**

O Grifo de Edgar Vasques



GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da **Grafar** (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Jorge Sanches Arias, Brady Izquierdo e Luis Enrique Pérez Hechavarría

Rio de Janeiro: Máximo

e Paulo Caruso (in memoriam)

Rio Grande do Sul: Alisson, Bier, Carlos Roberto Winckler, Dênis Pimenta, Dóro, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Jô, Juska, Kayser, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Óscar Fuchs, Paulo de Tarso Riccardi, Santiago e Schröder

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo, Milton Saldanha e Mouzar Benedito

Arte da capa: Alisson

Leia aqui todas as edições do GRIFO
<https://linktr.ee/Jornalgrifo>



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3

Salve a seleção

Marco Schuster

Nem deu tempo de discutir a pré-lista dos 55 jogadores brasileiros para a Copa do Mundo, dia 12: no dia seguinte estourava escândalo “BolsoMaster Dark Horse”, e naquela semana ficamos sabendo que existem pessoas que tomam detergente e outras que não contam dinhei-

ro em dezenas ou centenas, mas em milhões. “Dinheiro privado”, bradaram os suspeitos. Mas a PF revelou que é dinheiro de fundo de aposentadoria de funcionários públicos e empresas públicas. Ou de algum outro lugar.

Bem, talvez conseguíssemos discutir a lista dos 26 que vão para Copa, saiu dia 18, com Neymar, mas nem assim se discutiu muito. Já estava na pauta a proposta para derrubar a jornada 6x1,

ameaçada de derrota até o minuto final dos longos acréscimos.

Mas a mobilização da torcida impediu a derrota.

A disputa está no Senado, de novo ameaçada de corte e em ritmo de treino leve e toques laterais. Já a aprovação da emenda que dificulta o aborto em crianças menores de 14 anos vítimas de estupro foi como um contra-ataque rápido e fulminante: dois minutos.



Bolsonarismo, bola e balcão

Alexandre Cruz

Há momentos em que a política brasileira parece menos disputa de projetos e mais feira de mercadorias simbólicas. Vende-se filme, candidatura, camisa da seleção, frase de efeito, inimigo imaginário e saudade de um país que nunca existiu. A verdade, nesse mercado, costuma ser detalhe incômodo.

O Brasil de 2026 caminha para esse cruzamento: BolsoMaster, campanha eleitoral e Copa do Mundo. O cinema fabrica narrativa. A eleição promete destino. O futebol produz pertencimento. Quando essas máquinas entram juntas em campo, o país vira arquibancada, urna e balcão.

O BolsoMaster, revelado pelo The Intercept Brasil, não é apenas mais um episódio entre política, dinheiro e imagem. O símbolo já está posto: um filme sobre o mito sob o signo do dinheiro grande. Toda investigação exige cautela e direito de defesa. Mas, na política, o símbolo corre antes do processo.

O bolsonarismo entendeu que a disputa não se vence só no Congresso, no tribunal ou na urna. Vence-se também na tela, no WhatsApp, na camiseta, no culto, no churrasco, no medo e no ressentimento. Nasceu como candidatura, virou governo e agora tenta se reorganizar como mercado afetivo.

Seu produto principal já não é apenas Jair Bolsonaro. É a sensação de um Brasil simples, hierárquico, anticomunista e protegido da complexidade. Esse Brasil nunca existiu como realidade, mas existe como mercadoria.

A Copa entra como velha conhecida. O futebol brasileiro



sempre foi mais que esporte. Pode unir por noventa minutos pessoas que não dividiriam a mesma mesa de bar. Mas também pode ser capturado.

A camisa amarela sabe disso. Durante décadas, foi roupa festiva do futebol. Depois, virou uniforme político. O bolsonarismo não inventou o verde-amarelo, mas tentou colar nele uma leitura moral: quem veste a pátria sou eu; quem discorda de mim é inimigo da pátria.

Em ano eleitoral, cada jogo terá subtexto. Vitória poderá ser vendida como renascimento nacional. Derrota poderá alimentar ressentimentos patrióticos. No Brasil, até impedimento ganha leitura constitucional.

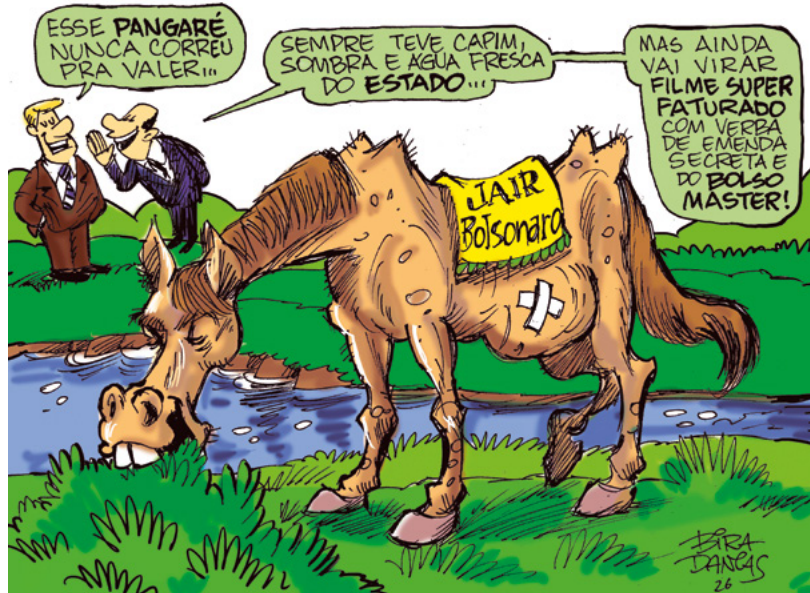
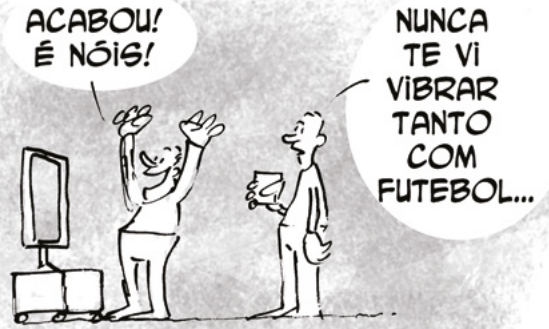
O Paraguai aparece menos como país real e mais como fantasia de fronteira: lugar onde a mercadoria parece mais livre, o imposto mais distante e a política

vira sacola de compras. Combina com certa alma bolsonariana: rejeitar o Estado quando regula, mas chamá-lo quando financia ou perdoa.

A campanha de 2026 será disputada sobre memória. Quem contará a história do bolsonarismo? Aventura patriótica? Tragédia autoritária? Escândalo financeiro? Ou elite fantasiada de povo nos salões refrigerados do poder?

A democracia não pode ficar apenas na denúncia. Precisa disputar símbolo, linguagem e futuro. O verde e amarelo não pertence a Bolsonaro. A bandeira não pertence a nenhum clã. A seleção não pertence a nenhum partido.

O filme pode editar a história. A campanha pode inflamar a torcida. A bola pode suspender perguntas. O consumo pode prometer fuga. Mas a democracia tem vantagem: não precisa de mito. Precisa de memória.



Corrupção e poder

Luiz Augusto Faria



As pilantragens do banqueiro Daniel Vorcara, que causaram um rombo ainda não bem avaliado, possivelmente dezenas de bilhões, sua promiscuidade com políticos de direita e a família Bolsonaro, aparecem como um desvio, algo fora da normalidade social. Mas não, corrupção e política andam juntas há séculos. São intrínsecas à ordem capitalista.

Fernand Braudel definiu o capitalismo como o encontro do dono do dinheiro com o dono

do poder. Esse episódio aconteceu na Europa a partir do século 13 na atual Itália e se estendeu por todo o continente nos séculos seguintes. Seu resultado foi o despotismo esclarecido do Iluminismo, a partir do qual a burguesia se apoderou dos Estados, organizando-os dessa forma. Na sequência esses Estados trataram de modificar os mercados de produtos e serviços, ainda muito marginais, em lugares centrais para o controle da economia, o que propiciou à nova classe ir-se apropriando progressivamente da quase totalidade dos meios de produção.

Quando a economia surgiu como disciplina científica no final do século 18, o processo já estava completo pelo menos na Inglaterra, levando seus pensadores a acharem que o mercado inventara o capitalismo. Na verdade, foi a despossessão dos trabalhadores do principal meio de produção de então, a terra, promovida pelo Estado, que deu início ao controle da economia pela burguesia. Como o mercado era um lugar de concorrência organizada, que resultava em um equilíbrio formalizado no acordo de compra e venda – havia funcionado assim por milênios em todas as civiliza-

ções –, imaginaram que seu uso pelo capitalismo conservaria essa característica.

Nada mais equivocado. A concorrência capitalista é uma forma violenta de submissão ou destruição do adversário, é como a guerra. Por isso seu resultado é a concentração do poder econômico, dos meios de produção e da riqueza em cada vez menos mãos, os oligopólios e monopólios. E o poder político se concentra em consequência, pois cada vez o governante precisa dar satisfação a menos pessoas. Adam Smith estava errado quando pensou que o mercado evoluíra para criar o capitalismo; foi esse quem capturou o mercado. Também é por isso que essa forma de sociedade não surgiu na China ou no Islã, economias infinitamente mais ricas à época, mas onde os mercadores foram mantidos afastados da política.

No século 20 o capitalismo chegou a seu apogeu, tendo penetrado em todas as sociedades por todo o mundo. Sua face mudara um pouco, pois teve de ceder às demandas das classes trabalhadoras, então mobilizadas politicamente, e que se haviam empoderado com as vitórias do movimento socialista em muitos países. Por algumas décadas os mercados capitalistas, em quase todos os países da Europa Ocidental, mais algumas de suas ex-colônias, em especial os Estados Unidos, foram submetidos a controles do Estado. Mais ainda, a participação política do movimento operário fez com que uma proporção substancial dos bens e serviços necessários à sua subsistência fosse produzida fora do mercado capitalista na forma de bens públicos.

A crise mundial dos anos 1970 encerrou essa breve fase e na sequência o capitalismo voltou a seu modo tradicional, sob o ró-



tulo do neoliberalismo. A classe trabalhadora foi derrotada em quase todo o mundo, tendo mantido poder em poucos países, quase todos muito pequenos, à exceção da China. Rapidamente os governos capitalistas voltaram a ser plutocracias nas quais o voto universal é uma quase farsa pela virtual inexistência de escolhas.

Gramsci lembrou que quando a coerção e a persuasão não são suficientes para preservar a hegemonia, o recurso da corrupção é acionado. Historicamente sabemos que desde seus primórdios a relação entre capitalismo e poder sempre usou da compra de consciências, atitudes e ações.

Da Veneza de Marco Polo às colônias europeias na América, África e Ásia até os barões ladrões dos Estados Unidos, roubo, saque e trapaças fizeram não apenas a “acumulação primitiva” de Marx, como o modo de ser do poder capitalista. O próprio Marx disse que nessa forma de sociedade até a honra vira mercadoria.

Personagens como Vercaro, seu banco Master e sua família, ou Bolsonaro e seus filhos, não são de forma alguma pontos fora da curva. São na verdade os pontos que fazem a curva que une dinheiro e poder, a fórmula original da sociedade criada pelas relações do capital.



RESTOS? EU VIVO DISSO



Se escondendo do BolsoMaster

EI, ESSE NON É O IBAÑEZ QUE IO CONVOQUEI!



OS PREÇOS ESTÃO UM ROUBO!

NÃO TEM MATERIAL ESCOLAR BARATO?

TEM ESTA PROFESSORA!



Pixs

CV e PCC serão considerados terroristas?
Milícia e igrejas neopentecostais, não?

O van Hatten sempre me lembra a Linda Blair, pelas bochechas e pela malignidade provavelmente incorporada.

Os cinco deputados gaúchos que votaram contra a PEC que acabou com o regime de trabalho escravizador de 6X1 arriscaram seus mandatos porque não têm saída. Dependem exclusivamente das migalhas que os empresários, que já aceitaram o novo regime de trabalho, lhes jogam de tempos em tempos. Voto, como sentença judicial, vale ouro no mercado da corrupção.

Tentei fazer uma charge sobre a foto do rachadinha com Trump e não consegui. Os memes chegaram juntos e a própria foto já era a piada pronta. Fico imaginando o gênio do marketing que sugeriu ao candidato presidencial, pego com a boca na botija do Vorcaro, tentar uma foto com o Trump depois da visita de Lula, o outro candidato presidencial. Eu, se fosse o rachadinha, vasculharia os armários e todos os cantos da casa em busca do petista infiltrado que sugeriu o ato kamikaze.

Gabeira assume a condição de portavoz da Globo e afirma que Lula não pode ganhar no primeiro turno porque ficaria muito poderoso e "pode causar problemas". O sincericídio do jornalista de sunga pode ser ser sinal de senilidade ou apenas licença do patrão para matar.

De todos os seres que emergiram do esgoto com o bolsonarismo, o mais abjeto e pernicioso é sem dúvidas o Moro. Agora, senador pária e candidato a governador de Fascistópolis ele, que supostamente rompeu com Bolsonaro por discordar das práticas criminosas da família, come gulosamente os restos que caíram da mesa golpista.

Olhando bem a quadrilha, ou todo mundo é a cara das mães ou a fuça dos pais.

Tudo indica que os bolsonaristas que foram lutar pela Ucrânia, onde muitos morreram, eram na verdade integrantes do Comando Vermelho que foram treinar a aprender a usar drones.

Saudade do Daniel

No dia 30 de maio fez 20 anos da morte de Daniel Herz, amigo, compadre e mestre de uma geração de militantes que entenderam, a partir dele, que a democratização dos meios de comunicação era essencial para a democracia plena brasileira. A semana foi de saudades, tristeza e a certeza que sua falta neste momento brasileiro é imensurável. Publicamos, os muitos amigos e amigas, um texto coletivo além de várias manifestações pessoais e intransferíveis.

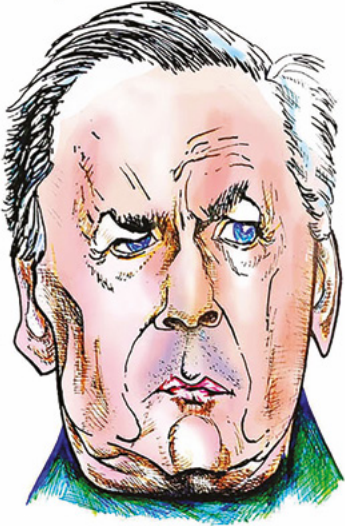
Daniel, que impressionava pela capacidade de trabalho e formulação complexa e ao mesmo tempo acessível, pela disciplina férrea que se impunha nas nossas relações, aliada a uma insuspeita capacidade de negociação, alternava a sisudez dos longos momentos de trabalho com um bom humor que conquistava quem estivesse ao seu redor.

Neste momento de saudades doloridas me lembro com carinho de uma viagem que fizemos à Chapada do Guimarães, durante uma reunião de trabalho em Cuiabá, em que Daniel nos divertiu por horas no ônibus que nos conduzia. Tinha uma sedutora capacidade de transformar em humor situações cansativas ou mesmo dolorosas. Lembrá-lo rindo faz mais suportável a saudade.

quer que escreva?



6 9 10 VENDIDO!



MÁXIMO

ABRE O OLHO...

FLÁVIO BOLSONARO PEDE R\$134 MILHÕES A VORCARO PARA FILME SOBRE BOLSONARO



DJRO 26



MAYSEB



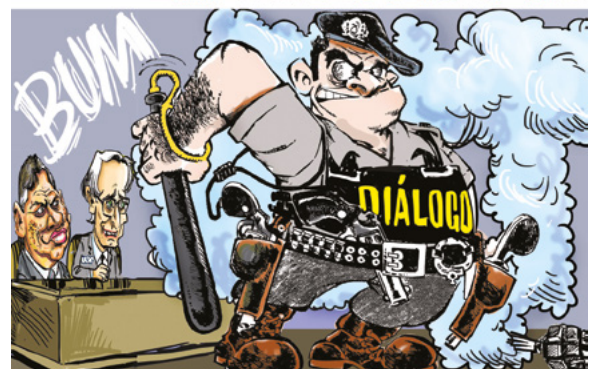
SCHRÖDER
23/05/26



BIER



BEIRA DANÇAS



Futebol e sexo

Celso Vicenzi – ilustrações Paulo Caruso (in memoriam)

Futebol: às vezes,
tem prorrogação.
Sexo: às vezes,
também tem! ①

Futebol: quem sabe
deita e rola.
Sexo: quem sabe rola
algo e aí você deita.

Futebol: tem massagista.
Sexo: tem massagem.

Futebol: tem jogador
que não dá uma dentro.
Sexo: têm “atletas”
que dão várias.

② Futebol: tem cama de gato.
Sexo: tem cama de gato e de
gata, conforme a preferência.

Futebol: tudo termina
no apagar das luzes.
Sexo: muitas vezes é
ali que começa.

Futebol: às vezes,
é preciso “arrepiar”.
Sexo: geralmente arrepia.

Futebol: tem lençol.
Sexo: tem lençol,
cama e colchão.

③ Futebol: tem preliminar.
Sexo: tem preliminares.

Futebol: tem que
suar a camisa. ④
Sexo: tem que suar
a camisinha.

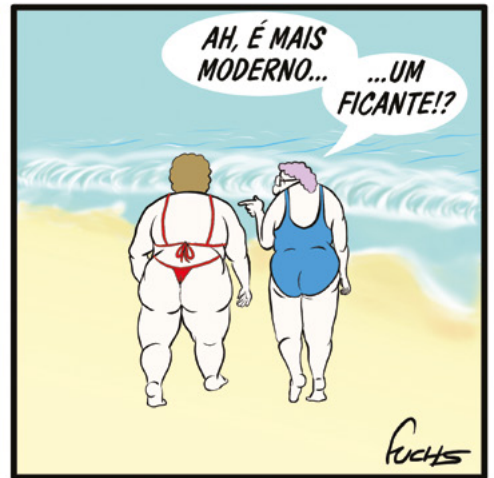
**Do livro "Gol
é Orgasmo",
editora Unisul.**



BLAU Bier



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



Fabiane Langona



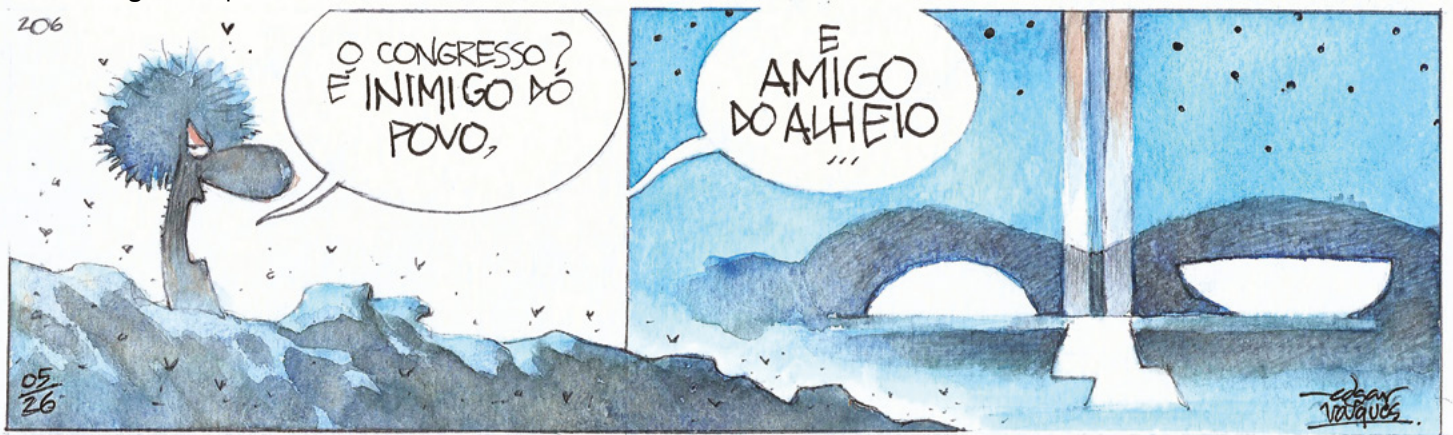
Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



RANGO Edgar Vasques



O AVESSE DO AVESSE DO AVESSE

Ciclo de debates sobre o sul do mundo 2026

Clube de Cultura, Ramiro Barcelos 1853



- Junho-
Luis Augusto Faria
Reconfiguração Internacional e o Brasil no Capitalismo do Século XXI *
- André Contri
25 Anos de Economia do RS: o Século XXI *
- Julho
Rodrigo Stümpf Gonzales
Dilemas da Democracia Brasileira *
- Agosto-
Carlos Borenstein
Reestruturação do Sistema Partidário Gaúcho e o Crescimento da Extrema Direita *
- Setembro-
Demétrio Xavier
O Prata e o RS: Cultura do Sul da Terra

DEBATES

GRIFO
O JORNAL QUE RI

Coordenação
Carlos Winckler
Apólos





POBRE DIABO

Foi por esses dias
 Depois de uma prece
 Especialmente bacana
 Que meu anjo da guarda
 Resolveu se deixar ver

Estava descabelado
 Com olheiras fundas
 Roendo as unhas
 Tinha asas de penas
 Não parava de tremer

Esta vidinha que levo
 Tão pós-moderna e agitada
 Tão insalubre que é
 Ainda pode matar
 O miserável de estresse

BANQUEIROS...



BAR do NEREU

Era uma senhora negra, de cabelos levemente grisalhos e de proporções bastante avantajadas. Chegou procurando por um fulano de tal, que, aliás, não se apresentava e tampouco era conhecido do respeitável público. Mesmo assim resolveu ficar. Comprou uma carteira de cigarro e sentou-se na mesa do fundo. Pediu uma catuaba e virou o martelo de um só golpe. O gato do Nereu pressentiu alguma coisa e sumiu pela porta do banheiro. Agenor, de trás do balcão, serviu a segunda e deu uma panorâmica aprensiva no cenário. A mulher acendeu um crivo e apagou o fósforo na dose. Isso mesmo, dentro da bebida. Na mesa ao lado ocupava assento o franzino Nego Tinga, auxiliar de frete e que só falava gritando. O alarido aumentava na medida em que a água chegava no forro. Pois foi dele que a casa ouviu uma gracinha muito mal atravessada. A mulher, ofendida, levantou-se derrubando a cadeira e gritou:
 - Cala essa boca suja! Eu tenho idade pra ser a tua mãe!
 Ao que Nego Tinga retrucou:
 - Com esse tamanho, tá mais pra ser a minha vó!
 Levou um tapa na orelha que deve ter furado o tímpano. E aquilo foi só o começo.

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

A melhor maneira de botar um banqueiro na cadeia é fazer ele roubar uma caixa de leite no supermercado.

Papo na reunião do PL:
 - Seu filho é empático, honesto e leal.
 - Meu Deus! Onde foi que eu errei?

Viajou na maionese e morreu na salada de batatas.

O supositório é um automóvel que entra na contramão.

Sabe o bafômetro? É aquele aparelhinho que os motoristas derretem nas madrugadas de sábado.

Macho alfa: assunto de documentário sobre o mundo animal. O que mais tem hoje é macho analfa.

O arqueólogo entrou na internet pra pesquisar línguas mortas: latim, grego arcaico, sânscrito e português.

Teve o cartão de crédito aprovado e morreu na mais rica miséria.

Para muitos políticos a chave do sucesso é o pé de cabra.

Aquele hindu era um faquir amador. Morreu de tétano.

Não é verdade que o maior crematório da cidade tenha sido inaugurado numa noite de São João.

Foi pra Disney e descobriu que o Pateta era ele.

Trump elogiou muito as criancinhas da China. Não é de se estranhar...

Caraio! Eu vesti uma camiseta da seleção e já me deu vontade de rezar pra pneu!

Dizem que Sábado nasceu do casamento entre Sexta-feira e Robinson Crusôé.

O taxista era espírita, mas não aceitou o pagamento da corrida na próxima encarnação.

Notas do exorcista

Fantasia antropomórficas

Se o alienígena, por mais esquisito que seja, tem cabeça, tronco e membros, ainda podemos confiar na criação. Mas se for, como indica a lógica mais baixa, uma gelatina ou verme, inteligente ou não? Vai ser mais duro de engolir do que o parentesco com o macaco. Nós, como os maus fotógrafos, projetamos nossa sombra sobre o que fotografamos.

Homem de saia

Há na França um movimento pelo direito de os homens usarem saia. Estou num impasse: sou a favor do uso da saia, por causa da melhor ventilação, no caso de verão ou peido, mas contra por causa das canelas finas e cabeludas. É sempre assim comigo. Não sei o que há – não pertenco a organização nenhuma, a partido nenhum, a religião nenhuma. Um dos poucos movimentos que têm meu apoio irrestrito é o Movimento Pela Libertação dos Anões de Jardim. Mas mesmo assim não penso assinar carteirinha.

Ver pra crer

Sou fascinado pela vida dos santos, aquelas obsessões todas – obsessões que levam beatas e psicanalistas a uivarem de prazer. Mas sobre São Tomé não sei nada, fora aquilo de ver pra crer. Cá pra nós, São Tomé devia ser um cretino de pai e mãe. Dos nossos sentidos, o mais fácil de enganar é a visão. Se não fosse assim, os mágicos perderiam o emprego, confere?



CONTOS DO BORRACHEIRO

Conto folclórico

Perdemos a Guerra dos Farrapos porque em vez de guerrear, mateávamos, mateávamos, e vá causos de outras guerras.

Conto de terror

E então o Galvão Bueno começou a narrar o apocalipse.

Conto do legista

Morreu de complicações cardíacas: se apaixonou pela mãe.

Conto de ficção científica

No planeta destruído pelos alienígenas, a única coisa que restou foi uma placa, num poste: Consertam-se gaitas.

Conto policial

– Olha, preciso de dados – disse o detetive. – Apenas Deus começou do nada e veja a merda que deu.

Conto regionalista

– Lembre-se. Tua liberdade termina onde começa a dos meus bois.

Conto do vigário

Não existe mercado livre. O mercado é regulamentado pela lei da selva.

Conto do otimista

O mundo vem melhorando, século após século. Hoje já não temos mais escarradeiras na sala.

Conto erótico

E aí começou a sessão de sexo oral com o botocudo...

Trump quer punir Raul por ter defendido Cuba contra terroristas

Milton Saldanha

Os cubanos residentes nos Estados Unidos são estimados em 2,5 milhões, incluídos aí os que têm cidadania americana. A imigração sempre existiu, mas ganhou força quando a Revolução socialista venceu, em 1959, provocando êxodo em massa de quem serviu à ditadura de Fulgêncio Batista e tinha contas a acertar com a justiça. Ou simplesmente temia perder privilégios. A maioria vive até hoje na Flórida, o ponto mais próximo de Cuba. Muitos sonham em voltar, mas só se o capitalismo voltar antes, o que é pouco provável.

Mesmo com as dificuldades, o apoio ao governo em Cuba supera a oposição. Provam isso, as marchas com mais de 1 milhão de pessoas, numa população de 11 milhões, contadas também as crianças.

Com seu prestígio interno em declínio, é a simpatia desta comunidade que Trump procura quando, 30 anos depois, tira da gaveta uma acusação contra Raul Castro, 94 anos, irmão caçula de Fidel: o abate, por migs de dois pequenos aviões civis, saídos da Flórida, que invadiram o espaço aéreo cubano sem autorização. Medida que qualquer país adotaria em sua defesa, principalmente os Estados Unidos.

Morreram 4 pilotos (cubanos) e Trump acusa Raul, à época (em 1996) o principal comandante militar cubano, de ter dado a ordem. Que classifica como crime.

Isso não surpreende pela cabeça avariada de Trump. Os tais aviões entravam em Cuba em voos secretos, para soltar pan-



fletos contra a Revolução e, pior ainda, bombas incendiárias sobre as lavouras, para colapsar o abastecimento e a economia da ilha. Sem dar a mínima para as vítimas camponesas que poderiam causar, entre outros danos colaterais.

Cuba avisou oficialmente, por todos os meios possíveis, inclusive em instituições internacionais, que não iria mais tolerar esse terrorismo dos exilados, apoiados e financiados pelos Estados Unidos. Nada adiantou: eles continuaram, como se tivessem aceitado um desafio.

É o caso que agora volta ao noticiário mundial. E que torna documento, mais do que livro, o trabalho investigativo amplo e metódico do jornalista, pesquisador e escritor brasileiro Fernando Morais. Autor que fez sua estreia com “A Ilha”, primeiro livro que contou aos brasileiros como era Cuba, um período em

que a ditadura proibia ir lá, e isso era avisado na primeira página do passaporte.

Com 411 páginas, Editora Companhia das Letras, o novo livro de Fernando Morais, “Os últimos soldados da Guerra Fria” é sensacional. Está também no filme “Redes de Espiões – traidores ou heróis?”, de Olivier Assayas, que pode ser visto pela Netflix. As primeiras páginas reproduzem os diálogos, tudo real, até com palavrões, dos pilotos com suas torres de controle. De onde partiu a ordem de Raul para derrubar.

Morais vai fundo ao contar como a Inteligência cubana infiltrou dois pilotos de guerra na organização criminosa dos exilados, em Miami. As incursões eram feitas com voos de baixa altitude, que dificultavam a detecção por radar. O único jeito de saber foi através de espiões. Para isso montaram um gigantesco teatro, apresentando os agentes como dissidentes políticos rebelados.

Eles saíram de Cuba odiados e voltaram como heróis. Para voltar, outra façanha complexa, verdadeiro thriller, que deixaria qualquer roteirista e diretor de cinema extasiado.

Não posso contar mais aqui por 3 motivos: depois de Fernando Morais ninguém escreveria sobre isso com a mesma maestria; no espaço do **GRIFO** nem com mágica seria possível; não posso dar spoiler e estragar a leitura de uma obra formidável em todos os sentidos e que agora, mais do que nunca, se torna fundamental e indispensável.

Gauchada invade USA

Paulo de Tarso Riccardi

Desesperado em reverter sua enorme queda na opinião pública norte-americana, causada por suas c4g4d4s sem fim no Irã, Donald Trump volta a ameaçar com invasão a Cuba.

O motivo: a área de "Inteligência" norte-americana o informou que Cuba está planejando a invasão à Flórida.

Então, a maior potência do mundo invadiria "preventivamente" um dos menores países das Américas pra salvar a Flórida e a cara de Trump.

Aí fiquei pensando: como os hermanos cubanos invadiriam os Estados Unidos, se não têm gasolina nem pros ônibus?! Nem pra levar as crianças à escola.

A não ser que tenham reformado o barco Pilar, do Ernest Hemingway, e o convertido em fragata, mas mesmo assim é finchinha. E, de novo, cadê a gasolina?

Pensei, aqui comigo, que poderíamos doar ou encher milhões de isqueiros com nafta e enviar na bagagem do Chico Buarque, Frei Beto e Fernando Moraes. Mas fiz as contas de quantas viagens seriam necessárias pra encher o tanque do primeiro avião e abandonei a ideia. Aí pensei em fazer uma vaquinha pra comprar drones. Também não dá conta. Aqui a maioria ou está sendo usado por fotógrafos e videomakers que não querem alugar - pense na grana que poderiam ganhar filmando e fotografando a invasão e depois vendendo para a imprensa mundial!

Não é possível que não

haja nenhuma boa solução para validar a narrativa da "Inteligência" americana sobre os planos de invasão dos Estados Unidos por Cuba.

Matutei, matutei e acabei pensando em nossas boleadeiras. Poderíamos enviar pra Cuba miles y miles de gauchos uruguayos y de Bagé, Livramento, Alegrete pra darem curso de tiro de boleadeira. Como os cubanos estão mal de grana, poderiam nos pagar com aulas de salsa e cumbia e aquela batida única de piano.

Mas, de novo, percebi outro problema: se invadimos com a arma charrua, vamos acabar quebrando tudo. Afinal, tem pedra graúda. Quebra tudo! E aí, como vão poder aproveitar o gás e os fogões gringos pra cozinhar?

E na hora de embarcar (lembrem que só tem gasol pra ir com o Pilar) ainda temos que escolher se levamos os charruas das bole-

adeiras ou a turma da cozinha. Não fecha a conta, entendem?

Então, se não dá pra resolver isso, pra que os cubanos iriam querer invadir os States? Certamente não têm gente suficiente para uma invasão, quanto mais pra ocupação!

Caramba, tá difícil botar em pé a narrativa da CIA!

Muito melhor seria liberar o cerco criminoso à Ilha, liberar a entrada de petróleo e atrair uma invasão de brasileiros, mexicanos, colombianos, franceses, italianos e deixar entrarem os americanos que querem aproveitar a Saúde de graça na Ilha. Aí faríamos o contrário do plano do Departamento de Estado e da CIA: faríamos uma invasão de bem querer em Cuba.

E Trump deixaria de construir mais um problemaço pra si. Israel já lhe propôs o suficiente pra esta encarnação.



Ahora es el drama

Carlos Roberto Winckler

De paraíso de produtos baratos e destino de ávidos comerciantes e turistas atraídos pelas mercadorias e pela usina hidroelétrica binacional de Itaipu, para outros entreposto de veículos furtados e de venda de drogas, provável covil de atuação do terrorismo internacional ou narcoterrorismo na perspectiva imperial dos EUA, cioso em garantir o controle do quintal latino-americano, o Paraguai surge nos anos vinte desse incerto século aos olhos de muitos brasileiros como refúgio existencial, segundo reportagem da BBC.

As redes sociais se encarregam de difundir a imagem de uma Suíça latino-americana, prenhe de oportunidades, paz e ambiente conservador. Um paraíso para aposentados, pequenos e médios empreendedores e trabalhadores de orientação à direita como explicitam em entrevistas. Aspectos atraentes: impostos mais baixos, leis trabalhistas bem flexíveis, planos de saúde mais baratos, a liberdade de educar os filhos em casa, a não intervenção do Estado. O ideário neoliberal presente no Consenso de Washington disseminado por toda América Latina desde os anos 90. Quase 100 mil brasileiros solicitaram vistos, temporários por dois anos, e que depois podem ser permanentes. Entre 2020 e 2022 a maioria solicitou permanência, nos anos posteriores apenas uma minoria que não chega a um terço. Não se pode descartar o uso da migração como arma geopolítica, o que não é exatamente uma novidade. A campanha nas redes é espontânea? Qual a razão da importân-



cia do Paraguai em um contexto de declínio dos EUA, que recicla a Doutrina Monroe?

Em março de 2026 foi assinado o Acordo Paraguai-EUA, o Acordo Sofa (Acordo do Estatuto das Forças), no bojo da atual estratégia de Segurança Nacional dos EUA, que enfatiza o risco da presença chinesa no continente. Foi aprovado após a reunião da Cúpula Escudo das Américas, na Flórida, convocada por Trump. O Acordo trata da entrada e permanência de militares dos EUA, treinamento de tropas em território paraguaio, a prevalência da jurisdição penal estadunidense, a livre movimentação de militares e equipamentos no Paraguai, combate ao crime transnacional organizado, define o marco legal para funcionários da Defesa, Forças Armadas e empresas dos EUA em operação no estrangeiro. O número de soldados americanos no Paraguai não é fixo e varia conforme o tipo de treinamento e ações temporárias. A posição geográfica do Paraguai

foi decisiva por estar encravado no coração da América do Sul, podendo atingir alvos selecionados a qualquer pretexto. O Partido Liberal Radical Autêntico, oposição de centro-direita, denunciou o caráter antipatriótico do acordo aprovado pelo Congresso, hegemonizado pelo Partido Colorado, reciclado no seu projeto autoritário e há décadas no poder, com exceção do breve interregno reformista de Fernando Lugo (2008-2012), que no espaço de 48 horas sofreu impeachment. A Frente Guasú, de esquerda, fala em ingerência direta na soberania nacional. Em 2024 o secretário de Estado estadunidense Marco Rubio, em encontro com o chanceler paraguaio Rubén Lezcano, mostrou interesse no uso da energia e água da hidrelétrica binacional de Itaipu de empresas de inteligência artificial dos EUA. Miguel Nicolelis, em recente entrevista, chamava atenção à existência de mais de 4 mil data centers nos EUA, muitos em conflito com as comunidades dado o desperdício de água e energia, em contraste com a China, que possui pouco mais de 400. Acordos semelhantes foram assinados com Equador, El Salvador, Panamá, Trinidad e Tobago, Honduras, Belize e Guatemala.

Tudo indica que o Império cava trincheiras na América Latina, território onde serão decisivas as reservas de metais raros, petróleo e água em futuro próximo, à medida que sofre revezes inesperados. O Brasil não é a cereja, mas o próprio bolo ao olhar cobiçoso do Império. Cuba, a cereja, um minúsculo petisco simbólico.

Quando o Brasil virou teoria da conspiração

A ciência ainda não sabe explicar. Mas, em certo momento da história recente do Brasil, talvez por alguma mutação ocorrida nas células de um certo deputado, surgiu uma estranha capacidade de transmitir maldade e estupidez, em larga escala, à sociedade brasileira.

Na época, ninguém percebeu o alcance do fenômeno. Enquanto o país enfrentava a pandemia do coronavírus, outra contaminação avançava: metade da população acabaria afetada por essa mutação ideológica, marcada por surtos de intolerância, delírios coletivos e um irrefreável desejo de fechar o STF.

Os primeiros sintomas eram discretos. Pessoas comuns começaram a desconfiar de vacina, de urna eletrônica, e até de bebedouro de escola pública. Houve casos dramáticos de cidadãos que passaram a acreditar sinceramente que Paulo Freire havia destruído a matemática.

Os infectologistas pensaram tratar-se de alguma deficiência de vitamina D combinada com excesso de vídeos curtos na internet. Depois descobriram que o problema era mais grave: o vírus afetava a área do cérebro responsável pela vergonha alheia. Em pouco tempo, indivíduos contaminados já estavam filmando o próprio café da manhã para denunciar o comunismo no preço da margarina.

A doença recebeu vários nomes. Os cientistas a chamavam de “Febre Verde-Amarela” (FVA). O termo científico nunca pegou. O povo preferiu algo mais



simples: “corrente”. “Minha mãe foi contaminada por uma corrente”, diziam.

O Ministério da Saúde não se manifestava e a sociedade civil tentou reagir. Criou campanhas educativas, cartilhas e até um disque-denúncia para fake news. Não funcionou. Um grupo de infectados espalhou no WhatsApp que o disque-denúncia era controlado pela ONU e que a ONU pretendia transformar o Acre numa filial da Venezuela.

A situação fugiu do controle quando os contaminados começaram a se multiplicar em churrascos. Bastava uma pessoa gritar “e o Lula?” perto da churrasqueira para surgir uma roda de transmissão. Em quinze minutos, todos estavam defendendo intervenção militar enquanto seguravam o pratinho de farofa.

Os casos mais avançados apresentavam sintomas físicos. A pessoa passava a usar camiseta da seleção em velórios. Alguns desenvolviam compulsão por buzinação em motocicletas. Outros já não conseguiam ver um pneu sem se ajoelhar e orar para ele.

Mas, curiosamente, a pandemia começou a regredir de maneira inesperada.

Pesquisadores da Fiocruz descobriram que o vírus não resistia a contato prolongado com livros, professores de escola pública e filas de posto de saúde. Em experiências de laboratório, indivíduos contaminados que ficavam impedidos de dizer “recebi aqui!” apresentavam sinais de melhora, embora alguns ainda repetissem “mas e Cuba?” em estado de confusão mental.

A cura definitiva surgiu quase por acidente. Um aposentado de Joinville esqueceu o celular descarregado durante um fim de semana inteiro e, ao voltar à vida real, percebeu que o vizinho comunista era apenas um fisioterapeuta gentil que lhe emprestava a mangueira para lavar o carro.

Foi o começo do fim.

A humanidade aprendeu então uma lição importante: talvez o maior perigo da civilização não fosse um vírus mortal, mas a combinação explosiva entre ignorância, algoritmo e grupo de família.

Meus 80 anos

Pessoal da Grafar comemorou dia 17 de maio os 80 anos do frasista, cartunista e humorista José Guaraci Fraga. O grupo cantou parabéns, fez trocadilhos, contou piadas e abraçou o Fraga, que foi balconista de farmácia no primeiro emprego, mas depois trabalhou em agências de publicidade, jornais e revistas de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Florianópolis.

Referência para humoristas gaúchos desde os anos 70, Fraga e Edgar Vasques editaram o Quadrão, duas páginas semanais de humor da Folha da Manhã portoalegrense, onde publicavam, além de famosos, estreantes. Na noite da festa, Fraga apresentou sua versão de "Meus oito anos" de Casimiro de Abreu, e Edgar Vasques fez uma caricatura do Fraga. *(Marco Schuster)*

CASIMIRO DE ABREU 2026

Oh, que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Daquela saúde querida
que os sucos não trazem mais;
o de laranja é concentrado
e até debaixo dos laranjais
sombra e frescor tudo processado

Oh que saudades que eu tenho
Da flexibilidade que eu tinha
Da minha cartilagem novinha
Que membros ágeis, sem ais!
Que fácil dobrar, moleza viver,
Sem rigidez, sem endurecer
Aquelas tardes arteiras
Distante das enfermeiras
Longe dos hospitais!

Oh! Que saudades terei
quando daqui for embora
lá no limbo lembrarei
de toda alegria aqui agora
desta cambada divertida
gozadora e nenhum ordinário
Dos churras desde outrora
do riso, das bobagens, da vida
juntos neste feliz orquidário!

Fraga
Belém Velho, 17/5/2026

CASIMIRO DE ABREU 2026

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
daquela saúde querida
que sucos não trazem mais:
o de laranja é concentrado
e até debaixo dos laranjais
sombra e frescor tudo processado

Oh! que saudades que eu tenho
Da flexibilidade que eu tinha
Da minha cartilagem novinha
Que membros ágeis, sem ais!
Que fácil dobrar, moleza viver,
Sem rigidez nem endurecer
Aquelas tardes arteiras
Distante das enfermeiras
Longe dos hospitais!

Oh! Que saudades terei
quando daqui for embora
lá no limbo lembrarei
de toda alegria aqui agora
desta cambada divertida
gozadora e nenhum ordinário
Dos churras desde outrora
do riso, das bobagens, da vida
juntos neste feliz orquidário!

fraga

Belém Velho, 17/5/2026



Mouzar Benedito

120 milhões? Ninharia!
Pro gado vale mais o filme
Sobre o cavalo que o guia!

Além de rima, solução:
Vorcaro e Bolsonaro,
Um chama o outro de irmão.

Um sobrenome a zelar!
Com milícia, com malícia
E honestidade fictícia!

Atolado nela, o miliciano,
Igual merda se excede:
Se mais mexe, mais fede!

Ele confia no eleitorado:
Escândalo nenhum adianta
Pra afugentar o seu gado

Que belo donzelo!
Corrupto sem paralelo.
Não perde sorriso amarelo!

O que pra mim é crime
Pros que se dizem de bem
É algo muito sublime.

Não é uma lembrança vã,
Carrega até esperança:
Irã rima com Vietnã!

É preciso uma boa estaca
Pra acabar com a carranca
Do vampiro da Casa Branca

Que saudade das peladas!
Sim, daquelas de futebol,
E mais ainda das namoradas

Copa do Mundo, já gostei.
Futebol menos mercenário
Virou espetáculo pra otário!

Escândalo Master: corrupção 'em família' Vorcaro



A extrema direita tá bebendo detergente? Se ajudar a limpar o cérebro, tá ótimo. (Celso Vicenzi)

Os Estados Unidos gostam muito de liberdade. Principalmente da liberdade de decidir a liberdade dos outros. (Carlos Castelo)

O "vestuário", na cama, às vezes pode soar esquisito: "tire a calça e vista a camisinha". (Celso Vicenzi)

Saíram os padres canoros, entraram os padres influencers. Como tudo sempre pode piorar, tremo ao pensar no que virá. (Ernani Ssó)

Neymar é aquele software antigo que trava o sistema, mas ninguém tem coragem de desinstalar. (Carlos Castelo)

Hoje em dia o mundo está tão cheio de veneno que até as relações são tóxicas. (Celso Vicenzi)

Gozado, o uso de verbos no infinitivo pra evitar o gerúndio me irrita nos textos portugueses. Mas, ao ouvir portugueses falando, não – me parece perfeitamente natural. (Ernani Ssó)

Hoje, imparcialidade é quando metade do público acha você comunista e a outra metade, fascista. (Carlos Castelo)

De tanto insistir que só jogava dentro das quatro linhas, Bolsonaro conquistou um futuro limitado a quatro paredes. (Celso Vicenzi)

Luís Nassif: "Deus nos livre das mentes simples – e das pessoas raivosas". (Ernani Ssó)

A História está cheia de Estados assassinados por seus próprios salvadores. O da vez é Israel. (Carlos Castelo)

Bons tempos quando jogador que vestia a amarelinha não amarelava. (Celso Vicenzi)



Final de um soneto do Caio Junqueira Maciel (poeta, romancista, mineiro, bem-humorado): "Não entendeu? tudo bem:/ vá ao mar da autajuda,/ se afogar, grite: acuda!". (Ernani Ssó)

Cinema brasileiro 2026: uma câmera na mão, nenhuma ideia na cabeça, e 61 milhões no Texas. (Carlos Castelo)

Locutor(a) de futebol sempre sofre um pouco mais na Copa. Estarão em campo atletas com nomes bem complicados, daqueles pra derrubar até os mais experientes, como Ibrohimkhalil Yuldoshev, Mukhammadkodin Hámraliev e tantos outros, principalmente de países como Uzbequistão, Croácia, Iraque, Arábia Saudita, Tunísia, Catar, República Tcheca e Coreia do Sul – entre outros. Se errar, dá pra exclamar: "que Bósnia!" Boa sorte! (Celso Vicenzi)

Muitos portugueses acham que nós, brasileiros, temos de aprender a falar e a escrever com correção. Isto é, como eles. Pensam na língua como uma propriedade privada, protegida por leis e seguranças armados. Espero que os galegos exijam que os portugueses aprendam a falar e a escrever com correção. Se levamos isso mais longe, devemos ressuscitar o latim e, quem sabe, furar os tímpanos, ou instalar um chip no cérebro que dê um choque elétrico toda vez que a criatividade se assanha. (Ernani Ssó)

"Eu posso ter mentido, voltado atrás, enganado de novo, mas também não precisava todo mundo conferir" - disse Flávio. (Carlos Castelo)

Tenho visto muita gente dizendo que não se deve fazer piada contra minorias. Uma pena, porque gosto muito de atacar a enorme minoria dos super-ricos. (Ernani Ssó)

Da constrangedora reunião de solidariedade ao ladrão de bilheterias, a mais constrangedora presença foi a do Sérgio Moro. O ex-juiz, que quebrou o Brasil e abriu as portas do inferno em nome de uma moralidade que já se apresentava mais rota do que seus amassados ternos pretos, ficou a uma curta e comprometedor distância do criminoso que confessava a utilização de dinheiro público do banco acusado de roubo. O constrangimento geral não eclipsou a cara calculada de amuado do juiz que tinha elaborado um plano de enriquecimento com o espólio arrecadado com a Lava-Jato e endossava as mentiras deslavadas e explicações que fariam corar o Barão de Münchhausen. Moro é, por enquanto, a prova de que o crime pode compensar. (Schröder)

Hollywood inventou o faroeste. A França, a nouvelle vague. O Brasil criou o gênero lavagem de dinheiro. (Carlos Castelo)

Alarmante a decadência dos EUA. Veja, até num dos esportes mais populares deles, tiro ao alvo em presidente, não ganham nem medalha de papelão com autógrafo do Adélio. (Ernani Ssó)

O audiolivro veio para resolver a vida de gente que acha cansativo mover os olhos. (Carlos Castelo)

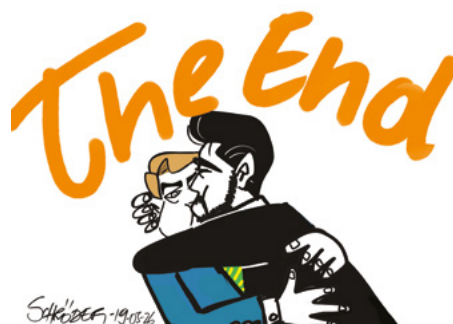
Infelizmente os problemas com interpretação de texto são suprapartidários. (Ernani Ssó)

O homem trabalha quarenta anos para pagar uma casa onde vai morar, e chama isso de conquistar a independência. (Carlos Castelo)

A Espanha se incomodou muito com o espanhol falado e escrito nas Américas e cagou regras por décadas e décadas. Mas, depois do boom, quando foram atropelados por Borges, Cortázar, García Márquez, Llosa e outros, botaram a viola no saco. (Ernani Ssó)

Há duas maneiras de ser rico: ter muito ou precisar de pouco. A civilização escolheu uma terceira: dever muito e fingir que está no azul. (Carlos Castelo)

A Marcha para Jesus registrou a maior densidade de Judas por metro quadrado da história (Bier)



Dark Horse é o primeiro filme em que o suspense não é descobrir o vilão, mas quem ainda não levou calote. (Carlos Castelo)

Horse em inglês é cavalo. Não tem sentido um jumento usando horse para contar sua vida. (Milton Saldanha)

Montaria, cavalo. Cavaleiro, jumento (Bier)

Estou tentando escrever a minha autobiografia, com muita dificuldade. Por enquanto só tenho o título: Confesso que esqueci. (Celso Vicenzi)

Em "Dark horse", o azarão ou pangaré sinistro, além de bonito, tem raciocínio rápido. Está a um passo da canonização. É justo. Entre seus milagres, tem a multiplicação de imóveis com salário de deputado e a multiplicação de mortos pela fé no capital durante a pandemia. (Ernani Ssó)

Antes, os lunáticos gritavam sozinhos na rua. Hoje apresentam TED Talk. (Carlos Castelo)

Acho que é um ato falho. O nome da produtora do filme sobre o Bolsonaro é GO UP. Já era um aviso, desde que adaptado ao som do português: é GOUP! (Celso Vicenzi)

Devo admitir, o filme "Dark horse" demonstra a astúcia da família: numa mesma manobra, lavam dinheiro e a imagem criminosa do patriarca. (Ernani Ssó)

O imperialismo ficou mais discreto. Saiu o porta-aviões, entrou o departamento jurídico. (Carlos Castelo)

Escrever é cortar. E ter a luz cortada. (Carlos Castelo)

A imperial família Bolsonaro e seus aliados já fazem cálculos para trocar Flávio por Carlos. E continuam tranquilos e confiantes, porque se também falhar ainda tem o Jair Renan, não é mesmo? (Celso Vicenzi)

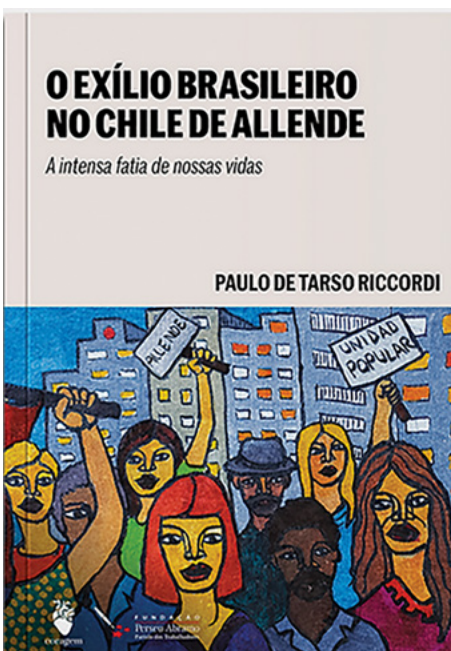
Kiko Nogueira, no DCM, se refere ao pessoal da Globo News como "jornalistas de cativoiro". Adorei, vou adotar. (Ernani Ssó)

Como foi a vida dos exilados brasileiros?

Paulo de Tarso Riccardi entrevistou 73 brasileiros que se exilaram no Chile entre 1964 e 1974 por causa da ditadura. Iniciou a pesquisa em 2015 e incluiu depoimentos prestados a comissões do Congresso e Comissões da Verdade estaduais e nacionais.

O trabalho resultou no livro **O exílio brasileiro no Chile de Allende** (editora Coragem). São 512 páginas "onde conto os grandes e produtivos almoços familiares de finais de semana de Almino Afonso, de Paulo Freire com Ernani Fiori, esposas e filhos, as famosas feijoadas dos Rabelo, as intermináveis partidas de futebol e os grupos musicais formados por brasileiros. É um quadro inédito de amores, trabalho, festas, esperança, manifestações políticas de 1 milhão de pessoas (!), num breve mas feliz intervalo entre golpes civis-militares que prenderam, torturaram e assassinaram no Cone Sul", resume o autor. **(Marco Schuster)**

<https://www.editoracoragem.com.br>



Na época da queda do império romano, 2% da população viviam na boa, às custas das colônias. O resto vivia em média 30 anos, às custas da fome e das doenças. O que foi mesmo que mudou até os dias de hoje? (Ernani Ssó)



Cuidei desde cedo de minha saúde mental. Mas esqueci de minha saúde financeira, no que redundou na insalubridade atual. (Ernani Ssó)



Contra vírus e vermes

A dupla vírus e vermes uniu-se durante a pandemia do Covid graças ao governo Bolsonaro. Agora estão separados, mas ainda ameaçadores, principalmente os vermes, já que ciência e SUS estão contendo o vírus com vacinas.

Contra os vermes políticos segue a militância permanente. **Democracia por um fio** é um livro que reúne 300 charges de Schröder e textos de Ernani Ssó fazendo, asseguram os autores, "uma radiografia profilática dos tempos em que vivemos em perigo".

São 106 páginas A4, com lançamento em julho, já em pré-venda na <https://origocrowd.com.br/campaigns/democracia-por-um-fio-por-celso-schroder> **(Marco Schuster)**

PERSUASÃO

